

## **O Frei Eurico de Mello e a Juventude Franciscana do Brasil (JUFRA)<sup>1</sup>**

Danila Barbosa de Castilho<sup>2</sup>

### **Introdução**

Os documentos conhecidos pela pesquisa que produziu este artigo, a partir dos quais podem ser extraídos elementos a respeito do frade, são: uma breve biografia do Frei Eurico (disponibilizada pelos freis capuchinhos), os livros de autoria do Frei Eurico, cartas que ele escreveu para bispos e membros da Sociedade Escatológica Arautos do Reino de Amor (SEARA), mas também as cartas que foram endereçadas a ele.

Diante da falta de documentos que relatem a vida do Frei Eurico, foi necessário interpretar parte de sua trajetória de vida, relacionada à JUFRA, a partir dos relatos de entrevistados. Recorrer à História Oral como metodologia, mais do que preencher lacunas das fontes documentais, nos permite compreender os significados atribuídos às vivências dos sujeitos e dos grupos de outras épocas e trajetórias.

As fontes orais “[...] são sempre constituídas num processo dialógico com o entrevistador” (FROTSCHER, 2011, p. 97). No processo de construção das fontes orais, as relações sociais estão sempre presentes, atribuindo significados às falas que são moldadas a partir dos questionamentos propostos pelo entrevistador. O entrevistador não recolhe memórias aleatórias, mas contribui com a elaboração dos relatos orais “[...] por meio de sua presença, das suas perguntas, das reações” (PORTELLI, 2010, p. 20).

Em algumas entrevistas realizadas para esta pesquisa, houve mais de um entrevistador, pois foram realizadas juntamente com alguns jovens que participam da JUFRA de Ponta Grossa/PR. Estes jovens também colaboraram com a construção destes relatos, ao proporem seus questionamentos, a partir do desejo de conhecer a história do movimento e de suas vivências – pessoais e coletivas.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da escrita, em desenvolvimento, da dissertação intitulada: “A identidade franciscana do movimento Juventude Franciscana (JUFRA) no pós-Concílio Vaticano II”, sob orientação do Prof. Dr. Edson Armando Silva.

<sup>2</sup> Mestranda em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: dani\_tilho@hotmail.com.

A relação produtora da entrevista foi entendida por Portelli (2010, p. 20) da seguinte forma: “a ‘entre/vista’, afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo”. Nas entrevistas de história oral, as lembranças recordadas são organizadas verbalmente, selecionando determinados elementos e menosprezando outros.

A maneira como cada sujeito narra um acontecimento varia de acordo com o contexto vivido, o lugar e os interlocutores em cada presente de rememoração. “A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (MENEZES, 1992, p. 11).

A memória e a história são seletivas. Não é possível lembrar e nem contar, exatamente, tudo como foi. A memória e a história valorizam alguns acontecimentos enquanto menosprezam outros. Um fato que pode ser lembrado numa situação e esquecido em outra. Nas palavras de Menezes (1992, p. 12), “[...] a memória *não dá conta do passado*, nas suas múltiplas dimensões e desdobramentos.”

Pela História Oral, foram acessadas memórias reconstruídas em cada situação de entrevista. Tal metodologia tornou possível perceber como Frei Eurico marcou a história de ex-membros da JUFRA e de freis. Este trabalho trata de parte de uma biografia, entrelaçada às histórias de vida de cada entrevistado, produzida na articulação entre as análises de documentos escritos e entrevistas transcritas.

Os entrevistados produziram seus relatos a partir de questionamentos propostos no presente, no momento da entrevista. Mas essas memórias relatadas, segundo Catroga (2001), não expressam exatamente o que e como aconteceu, pois foram ressignificadas a partir das experiências pessoais de cada sujeito. Essas experiências alteraram a forma como se lembraram da época em que conviveram com a JUFRA, pois o passado é uma leitura a partir do presente.

Após esta parte introdutória, o artigo trata da influência do Concílio Vaticano II sobre o Frei Eurico de Mello e na formação da Juventude Franciscana, montada por ele. Posteriormente, apresenta fragmentos de histórias de vida entrelaçados com parte da vida do Frei Eurico. Nas considerações finais, o texto articula a influência do Concílio Vaticano II sobre o Frei Eurico e a JUFRA com informações obtidas nos fragmentos de história de vida, entrelaçados com parte da vida do frade.

## **Frei Eurico: o entusiasmo com as ideias do Vaticano II na formação de uma Juventude Franciscana**

O Concílio Vaticano II propôs às ordens, movimentos e grupos que buscassem suas origens, seus objetivos e vivências para depois trabalhar na implantação dos seus carismas. O Vaticano II pediu que as ordens religiosas, movimentos e congregações renovassem seu carisma em linguagem simples e clara para que todos os fiéis compreendessem.

Apesar do apelo pela renovação e redescoberta dos carismas, isso não acontece de forma instantânea. Trata-se de um processo que implica mudanças de mentalidade, necessita formação humana, espiritual e teológica, além de uma formação específica de acordo com os objetivos e carismas de cada movimento (PASSOS, 2013).

Com o apelo do Vaticano II por renovar os carismas, também o carisma franciscano foi reelaborado e renovado, buscando atender a esta exigência. A finalidade aqui é compreender como o carisma e a identidade franciscana foram elaborados pela JUFRA, tendo como base os livros de formação e os relatos de pessoas que colaboraram neste processo.

Até o ano de 1950, jovens franciscanos em diferentes lugares do mundo estavam reunidos na Ordem Franciscana Secular. “A Ordem recebia em suas fileiras, homens e mulheres a partir dos 15 anos de idade, e todos realizavam o mesmo tirocínio de interiorização e engajamento” (MELLO, 1973b, p. 23).

A partir do Congresso de Roma, realizado em 1950, a juventude franciscana ganhou destaque dentro da OFS. Nascia a Juventude Franciscana como organização própria no sentido jurídico em diferentes países: Itália, Alemanha, Espanha, Suíça, Estados Unidos, Canadá e Venezuela. Anteriormente, “várias tentativas isoladas vinham sendo feitas havia alguns anos, em vários países, mas nenhuma configuração jurídica” (MELLO, 1973b, p. 24).

Entre as décadas de 1940 e 1950, ocorreram as primeiras experiências de grupos de juventude franciscana no Brasil nas cidades de Bagé/RS, Belém/PA, Petrópolis/RJ e Taubaté/SP. Estas experiências não persistiram.

Em 1967, após passar alguns anos na Itália estudando, Frei Eurico de Mello – frade capuchinho – chegou a Ponta Grossa/PR e deu início a um grupo jovem ligado

a Ordem Franciscana Secular (OFS). No início, o movimento não se preocupou com o

[...] enquadramento jurídico, não elaborou estatutos, nem tomou consciência se para tanto existem normas no franciscanismo leigo. Simplesmente, foi um movimento de jovens da cidade de Ponta Grossa que, animados por religiosos da Primeira Ordem, puseram-se a viver a mística franciscana segundo um estilo muito pessoal e espontâneo (JUFRA, 1971, p. 3).

O primeiro grupo de JUFRA que surgiu em Ponta Grossa foi incentivado pelos freis capuchinhos da Paróquia Senhor Bom Jesus e da Paróquia São Cristóvão a seguir a filosofia de vida franciscana. “A Juventude Franciscana (=JUFRA) é um *movimento de vivência cristã* destinado a jovens que, por ÍNDOLE e por CARISMA, se comprometem com um ideal de existência franciscana da vida” (JUFRA, 1973, p. 9).

No processo de formação da equipe piloto, ocorreu a estruturação e a elaboração dos documentos e dos materiais de formação da JUFRA. Os jovens membros dos dois grupos de Ponta Grossa, da Paróquia Bom Jesus e da Paróquia São Cristóvão, reuniam-se para estudar e debater o franciscanismo, a realidade dos jovens daquela época e as decisões do Concílio Vaticano II. Estes encontros culminaram na divulgação de um conjunto de quatro documentos básicos, em setembro de 1971, que definem o que é a JUFRA, quais seus objetivos e como deve ser sua atuação.

Em janeiro de 1971, aconteceu em Recife o Conselho Nacional da OFS Capuchinha, onde foi decidido que a JUFRA deveria ser organizada em âmbito nacional, referenciada na experiência de Ponta Grossa liderada por Frei Eurico de Mello. Após essa decisão, foi necessário organizar e estruturar a JUFRA.

[...] o Frei Nereu, que era orientador da Ordem Franciscana, do grupo da Ordem Terceira de Curitiba, numa assembleia da Ordem Franciscana nacional, ele foi lá na reunião. E, nessa reunião, o pessoal falou que tinha que estruturar o movimento franciscano jovem para renovar a Ordem Terceira como na proposta do papa e tal. E aí, alguns padres, que estavam lá, contaram das experiências que tinham nas suas paróquias de jovens franciscanos. Não era só Ponta Grossa, nem só [a Paróquia] Bom Jesus, nem só [a Paróquia] São Cristóvão [de Ponta Grossa]

que tinham grupos de jovens chamados Jovens Franciscanos, com a mesma sigla JUFRA. Mas, o Frei Nereu contou da experiência que o Frei Eurico estava fazendo, que já tinha um treinamento, que tinha organizado. Aí incumbiram o Frei Nereu. (Maria de Lourdes de Paula<sup>3</sup>).

Havia várias experiências de grupos de jovens franciscanos, mas, a partir deste momento, a experiência da JUFRA ponta-grossense foi escolhida como modelo que deveria ser implantada em todo o país. A ponta-grossense Ivone Barszcz – que havia sido enviada como representante – foi nomeada, pela OFS, a primeira presidente nacional da JUFRA.

Após a reunião, os grupos de Ponta Grossa ficaram responsáveis pela formação de uma equipe piloto que deveria viajar pelo país, incentivando a formação de novos grupos da JUFRA. Esta equipe deveria também “[...] promover uma unidade de todos os agrupamentos jufristas existentes, dentro de uma pluriformidade regional, distrital e local” (MELLO, 1973, p. 27).

O Frei Eurico fez contato pelas províncias, vários franciscanos que tinham grupos de jovens. O Frei Nereu e a Ordem Terceira apoiaram, e tinha toda uma comunicação entre todo mundo assim. O Frei Eurico entendeu que tinha que reunir o pessoal e pensar junto [com eles]. Ele [Frei Eurico] propôs o Primeiro Congresso Nacional da JUFRA, que foi em dezembro de 1972 [...] E, aí, vieram representantes de todas as províncias, eram províncias – acho que chamam assim – da Ordem Terceira. Então, onde tinha uma regional da Ordem Terceira, algum padre, algum frei e algum membro da Ordem Terceira que tinha algum grupo de jovens, ou mandaram jovens... (Maria de Lourdes de Paula).

A Ordem Terceira ou Ordem Franciscana Secular (OFS), neste período, ainda era dividida em obediências, de acordo com a divisão da Primeira Ordem<sup>4</sup>. A OFS de Ponta Grossa era de obediência capuchinha, portanto, também a JUFRA de

---

<sup>3</sup> Maria de Lourdes de Paula nasceu na cidade de Palmeira-PR e mudou-se com sua família para Ponta Grossa em 1970. Morava no bairro de Oficinas e frequentava a Igreja São Cristóvão, onde teve seu primeiro contato com a JUFRA. Foi secretária nacional da JUFRA de 1972 a 1977, e também fez parte da Seara. Em 1978 mudou-se para Salvador a fim de auxiliar a nova equipe de secretariado nacional da JUFRA. Após dez anos retornou para Ponta Grossa. É formada em Pedagogia e atualmente é professora da rede estadual de ensino. Maria relatou que durante aproximadamente dez anos dedicou-se exclusivamente a trabalhar no processo de estruturação e implantação da JUFRA.

<sup>4</sup> A Primeira Ordem é constituída pela Ordem dos Frades Menores (O.F.M.), Ordem dos Frades Menores Conventuais (O.F.M.Conv.) e Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (O.F.M.Cap.). Havia três ordens terceiras distintas nesta época: uma de obediência aos Frades Menores, uma de obediência conventual e uma de obediência capuchinha.

Ponta Grossa também era de obediência capuchinha. Já a JUFRA de Curitiba era de obediência conventual.

Em 1972, ocorreu a Assembleia dos Conselhos Nacionais Obedienciais da OFS. Nesta assembleia, houve a formação do Conselho Nacional Inter-Obediencial da OFS que unificou a OFS. Foi decidido também que o centro nacional da JUFRA teria sua sede em Ponta Grossa e seria o órgão de coordenação e assessoria da JUFRA nacional. Os grupos da JUFRA são fraternidades da OFS, mas possuem características e metodologias de formação próprias.

Na apresentação dos “Documentos Básicos” da JUFRA (1972), escrita pela Maria de Lourdes de Paula (secretária nacional da JUFRA naquele momento), explica que a JUFRA de Ponta Grossa era responsável pelo movimento apenas de obediência capuchinha até 1972. Após a formação do Conselho Nacional Inter-Obediencial da OFS, a JUFRA de Ponta Grossa ficou responsável pela coordenação da JUFRA de todas as obediências (PAULA, 1972).

Em seguida, Maria de Paula ressalta – na Apresentação dos Documentos Básicos da JUFRA (1972) – que o Esquema Funcional pode ser adaptado à realidade de cada grupo e explica que o “Manifesto da Juventude Franciscana” apresenta a filosofia do movimento em linguagem jovem (PAULA, 1972).

A JUFRA, sob a orientação do Frei Eurico de Mello, estava buscando atender ao apelo do Concílio Vaticano II de renovação do carisma religioso através de uma formação da juventude secular franciscana, pertencente à OFS. “O JOVEM JUFRISTA caracteriza-se por uma atitude de PROCURA constante e sincera dos valores humanos, cristãos e franciscanos, que configuram nosso ideal tal como é traçado pelo nosso Manifesto.” (JUFRA, 1971, p. 20).

Nos materiais de formação é repetido diversas vezes que os jufristas devem buscar *assumir e deixar-se assumir pelo outro*. Essa identidade jufrista está marcada pelo fraternismo, minorismo e inserção no mundo. A partir da concepção de que a Igreja “[...] é uma instituição inserida na vida social e sujeita às pressões de interesses contraditórios” (SOUZA, 2004, p. 81), também os leigos, e conseqüentemente os jovens, devem estar inseridos no mundo vivendo os valores cristãos nas relações cotidianas.

## **A JUFRA: fragmentos de histórias de vida e do movimento entrelaçadas com parte da vida do Frei Eurico**

Belmiro Pedro de Mello – que, posteriormente, passou a ser chamado de Frei Eurico de Mello – nasceu em 22 de agosto de 1936 em Passo Manso, área rural do município de Taió/SC. Aos 14 anos, ingressou no seminário São Francisco em Barra Fria/SC. Em março de 1956, recebeu o hábito capuchinho com o nome de Frei Eurico de Taió. Sete anos depois, em 1963, foi ordenado sacerdote em Curitiba/PR (O.F.M.Cap, s/d).

No mesmo ano, Frei Eurico deu início ao Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e participou também de cursos de Teologia da Vida Religiosa. No livro *A vida consagrada na SEARA*, escrito pelo Frei em 1984, ele relata este período

[...] a partir dos estudos que fui fazer em Roma... (...mandaram-me estudar 'filosofia' mas, naqueles anos, frequentei mais a faculdade de teologia espiritual, do que a de filosofia, e gastei mais tempo com estudos de espiritualidade do que com a minha bem-amada filosofia!...) ...e a esta altura os meus estudos sobre teologia... (... o Vaticano II colocava uma 'bomba' em minhas mãos...) ... com espiritualidade e história de vida totalmente consagrada se tornavam conscientes e 'sistemáticos'. [...] me formei nela, frequentando esta Universidade de minha paixão louca e obcecada pela vida de consagração total. (MELLO, 1984, p. 21)

Ao retornar da Itália, em 1967, Frei Eurico se tornou professor de Filosofia na fraternidade Bom Jesus, em Ponta Grossa-PR, onde permaneceu até 1977 e atuou também como diretor. O frei recorria ao auxílio dos seminaristas que eram seus alunos para colaborar na formação e implantação da JUFRA.

O trabalho do frade com a JUFRA teve início em 1967, quando foi encarregado de organizar o movimento em âmbito nacional. Dois anos mais tarde, fundou o Instituto Secular de Vida Consagrada Sociedade Escatológica Arautos do Reino de Amor (SEARA). Alguns jovens jufristas também participaram da SEARA.

Além de escrever os materiais de formação da JUFRA, Frei Eurico escreveu também o plano de vida e a formação da SEARA, poesias, materiais destinados a colaborar na formação filosófica dos seminaristas e fez a tradução de alguns artigos

do italiano para o português. Dedicou-se, exclusivamente, à SEARA de 1980 até a sua morte, no dia 28 de novembro de 1990.

O Frei Eurico é este homem de um calor imenso. [...] Ali, na Bom Jesus, ele era encarregado de dar aulas e era o diretor. Em uma palestra, ele os [seminaristas] elevava até... Tinha uma impressionante oratória, uma convicção... Depois, com os jovens também... Ele tinha essa capacidade. (Frei Moacir Busarello<sup>5</sup>)

Nos “Documentos Básicos” de 1971, Frei Eurico dividiu os documentos em artigos, como uma constituição. Na edição dos Documentos Básicos de 1972, utilizou uma nova estrutura (cenário e paisagem). Isto permite pensar que, em 1972, Frei Eurico deve ter conhecido a Teoria da Organização Humana<sup>6</sup> e da Criatividade Comunitária<sup>7</sup>.

No livro “Os jovens procuram Cristo” (1973b), Frei Eurico utiliza os quatorze sistemas sociais, elaborados pelo sociólogo Antônio Rubbo Müller, para pensar a JUFRA. Nesta teoria, cada sistema relaciona-se às etapas de desenvolvimento biológico, psíquico e social dos sujeitos, buscando estabelecer uma estrutura de organização individual e social.

A Teoria da Organização Humana de Müller (1958) levou o Frei Eurico a utilizar um método científico para a JUFRA, utilizando esta teoria sociológica como base da organização das tarefas no movimento. Ainda com base nesta teoria ele elaborou um roteiro de *rastreamento autobiográfico* que incentivava os jovens, a partir da proposição de alguns questionamentos, a buscar o autoconhecimento, identificar falhas e traçar metas.

Então, ele partiu, digamos, do sociólogo e disse: “ele me dá dicas de como colocar o pensamento que eu tenho para que seja de renovação de uma ordem”. Então, ele usou o método de baixo para cima. Ele vai conduzindo através das três etapas

---

<sup>5</sup> Frei Moacir Busarello, frade capuchinho, nasceu em Taió/SC e ingressou no seminário ainda jovem. Estou filosofia, teologia, pedagogia e direito canônico. Em 1972 mudou-se para Ponta Grossa/PR onde atuou como professor e vice-diretor do seminário até 1977. Neste período frei Moacir conviveu e trabalhou junto com frei Eurico.

<sup>6</sup> Teoria elaborada por Antônio Rubbo Müller, publicada em 1958, busca estabelecer uma estrutura de organização individual e social. Propõe 14 sistemas: parentesco, sanitário, manutenção, lealdade, lazer, viário, pedagógico, patrimonial, produção, religioso, militar, político, jurídico, precedência.

<sup>7</sup> Teoria desenvolvida pelo sociólogo brasileiro Waldemar de Gregori, usando como base a Teoria da Organização Humana de Antônio Rubbo Müller. Deu início ao Movimento de Criatividade Comunitária.

para um momento em que o jovem faz a opção. Ele não vai fazer porque é institucionalizado, mas porque é livre. Entendeu? Isso vale para ser frei, noviciado ou não, e para o jovem que vai para a universidade. Mas, ele vai liberto. Então, na medida em que se liberta uma pessoa, ela vai ser libertadora, vai influenciar na sociedade, vai influenciar em todos os campos... (Frei Moacir Busarello)

Frei Luiz Antônio Frigo<sup>8</sup> explica que a espiritualidade franciscana, que incentiva a conscientização e libertação com opinião crítica, foi adaptada por Frei Eurico utilizando metodologia e linguagem jovem, de acordo com o contexto social vivido por eles. “A JUFRA, com certeza, é um processo de conscientização, de abertura, de reflexão.” (Frei Luiz Antônio Frigo).

A formação de identidades jufristas explora a relação entre o individual e o coletivo. A individualidade se constitui na coletividade. Nesta formação, também é enfatizado o encontro com as diferenças e a reciprocidade respeitosa com os outros. A intenção é articular interioridade e exterioridade para formar o sujeito jufrista e a sua espiritualidade. Esta é a forma como o Frei Eurico pensou a constituição da identidade e o comportamento dos jufristas no coletivo da JUFRA.

A formação franciscana oferecida aos jovens procurava estabelecer uma identidade ideal para um projeto de juventude e vida franciscana. A identificação franciscana marcaria suas trajetórias. Francisco seria o modelo de seguir a Cristo para ser seguido nesta perspectiva. A história de Francisco e do franciscanismo é evocada para pautar a identidade franciscana.

Em seu livro *Francisco entre os seculares*, Frei Egberto Prangenberg (1996, p. 240), O.F.M., relata que conheceu Frei Eurico no Convento de Nossa Senhora das Mercês, em Curitiba/PR, e refere-se a ele como “[...] temperamental, carismático”.

O Frei Eurico era muito entusiasmado com as coisas dele. Mas ele não era autoritário, ele era dominador, entende?! Ele exercia um domínio muito forte sobre as pessoas. Você fazia o que ele achava que devia ser feito mesmo! Sabe, quando você via, você estava fazendo e tal. Muitas vezes, convencido de que aquilo era ótimo, maravilhoso, mas, às vezes, não. Então, quem estava mais longe dele, não sentia tão forte [...] As coisas eram do jeito dele, no ritmo dele, na

---

<sup>8</sup> Frade capuchinho, foi aluno do Frei Eurico no Convento Bom Jesus em Ponta Grossa/PR e auxiliou no processo de implantação da JUFRA.

dinâmica dele. Isto era ruim. Agora, o entusiasmo dele é que fez acontecer a JUFRA. Ele quebrou barreiras com a própria Ordem.[...] E o Frei Eurico, com essa dominação muito forte dele, quando a gente questionava ele, ele ia até um ponto. Ele não podia por em xeque o que ele estava dizendo com o nosso questionamento [...] Então ele era bem forte nesse sentido de convencimento e de condução da gente. Nós, que vivemos bem próximo, que sentimos. Quem vivia fora, via mais o entusiasmo, a alegria e empolgação dele, que eram reais também (Maria de Lourdes de Paula).

Frei Eurico teve a oportunidade de acompanhar os debates promovidos pelo Concílio Vaticano II de perto, no período que esteve em Roma. Ele desejava renovar a OFS, mas também a Primeira Ordem Franciscana.

[...] ele era tão inteligente, tão esperto, que a Filosofia ele fez e, ao mesmo tempo, ele fez espiritualidade [...] Talvez, foi lá que ele andou chocando, diante da mudança de igreja, do método de igreja... Foi chocando uma maneira nova de ser. A ideia principal era esta: ficar martelando em cima do que está institucionalizado, pessoas que estão lá [no clero], não adianta. É preciso começar da nova geração e dar algo de novo (Frei Moacir Busarello).

Além dessa renovação, Frei Eurico propôs o modelo de vida consagrada, a SEARA, onde leigos consagrados vivem inseridos no mundo. Ele atuava como formador dos seminaristas do Convento Bom Jesus e escrevia materiais endereçados à formação da JUFRA e da SEARA. Fazia também viagens para implantação de grupos de JUFRA.

No ano de 1978, Frei Eurico escreveu algumas cartas para bispos<sup>9</sup> pedindo autorização para a SEARA. Nesta carta, explica que trabalhou na formação dos frades capuchinhos de sua província e trabalhou “[...] por 10 anos com jovens em meio ao mundo, colocado como Assistente nacional, à frente da ala Jovem da Ordem Franciscana Secular, chamada JUFRA, ou Juventude Franciscana. Conheci de ponta à ponta do Brasil, a nossa juventude.”.

---

<sup>9</sup> Ele lista todas as dioceses que enviou cartas e as constituições da SEARA a fim de conseguir a aprovação para seu projeto: cardeal arcebispo de Fortaleza, cardeal arcebispo de São Paulo, Arcebispo de Curitiba, Bispo de Joinville, Bispo de Erechim, Bispo de Chapecó, Bispo de Palmas, Bispo de Toledo, Bispo de Ponta Grossa, Bispo de Guarapuava, Bispo de Rio do Sul, Bispo de Lages.

Em carta a SEARA, escrita em 22 de agosto de 1980, Frei Eurico escreve que após participar do Congresso da JUFRA, realizado em julho em Salvador/BA, “[...] até o dia 20 de julho estive por demais envolvido com a preparação e a realização do Congresso da JUFRA. Graças a Deus entreguei esse compromisso, que muito tempo me tomava.”

Neste período, Frei Eurico tentava conseguir aprovação dos bispos para a SEARA e dedicava-se mais intensamente ao trabalho de formação deste instituto secular. Em carta a Dom Geraldo Pellanda, o frei conta que a partir de março de 1981 estaria “[...] disponível para trabalhar com exclusividade na formação...” dos membros da SEARA (MELLO, 1981).

Na carta ao então arcebispo de Cascavel, Dom Aramando Círio, além de pedir a aprovação da SEARA, ele explica que, se fosse necessário, estaria disposto a deixar a Ordem para dedicar-se exclusivamente a SEARA.

Em 1980, Frei Eurico retornou a Roma a fim de aprofundar seus estudos em filosofia e teologia da vida consagrada. Nesta época, ele relata em suas cartas que teve acesso aos estudos acerca dos institutos seculares, que ainda não haviam chegado ao Brasil. Assim, ele começa a traduzir algumas obras sobre vida consagrada, como a Breve História dos Institutos Seculares, e enviou-as aos membros da SEARA.

Não podemos desconsiderar que nem todos os freis concordavam com as ideias de Frei Eurico. Quando ele resolvia com os jovens de fazer retiro dentro do Convento Bom Jesus, Maria de Paula contou que frades ficavam incomodados: “[...] às vezes, alguns frades mais velhos, perguntavam: ‘essa piaçada aqui dentro do convento? Circulando por aí...’”. Suas ideias chegavam a perturbar a ordem vigente, segundo relato de Maria de Paula:

[...] Frei Clemente falou: ‘tem que ter um anticoncepcional de ideias, porque não aguento mais esse frei!’ E aí, ele teve, assim, alguns enfrentamentos, porque o pessoal achava que ele deixava muito os jovens invadir o convento, que atrapalhava, que se dedicava muito e não fazia o que a *Ordem* esperasse dele. Ele teve alguns enfrentamentos... (Maria de Lourdes de Paula)

Além dos conflitos envolvendo a JUFRA, Frei Eurico tinha também conflitos com outros frades que não concordavam com a formação da SEARA. Frei Honorato

escreveu uma carta a Frei Eurico explicando que não concordava com sua ideia de formar um novo instituto secular e finaliza sua carta com uma recomendação: “Se quiser mesmo um conselho de um irmão, volte à obediência dos superiores”.

Frei Moacir explicou que o Frei Eurico também sofreu oposição do bispo da Diocese de Ponta Grossa, que não concordava com suas propostas. “Ele [Frei Eurico] sofreu muito com isso: oposições, dificuldades até de bispo, do bispo local, na época...” (Frei Moacir Busarello).

Na obra “Os jovens procuram Cristo”, Frei Eurico escreveu um apelo aos bispos e agentes das pastorais diocesanas:

Queremos aqui fazer um apelo, em nome da Ordem Franciscana Secular, aos Srs. Bispos e agentes em geral da Pastoral de cada Diocese. Nosso trabalho pastoral com a Ordem Franciscana Secular muitas vezes encontra obstáculos por parte dos mesmos em nossas paróquias franciscanas. Esse obstáculo consiste na maneira de encarar a JUFRA e todo nosso movimento de renovação do Franciscanismo Secular, como movimento alheio ou até contrário aos interesses da Pastoral diocesana (MELLO, 1973, p. 83).

Frei Eurico explica que a JUFRA e a OFS, apesar de estarem ligadas a Primeira Ordem, devem estar inseridas nas pastorais diocesanas e paroquiais. Os jufristas são treinados para estar a serviço da “[...] Igreja ‘aqui’ e ‘agora’, na realidade concreta desta Diocese e desta paróquia, como uma comunidade de base da mesma” (MELLO, 1973, p. 83).

[...] o frade franciscano que se coloca a serviço de uma diocese na pastoral diocesana, não pode deixar de ser franciscano. Os Srs. Bispos não podem exigir que o frade, ao se tornar agente da pastoral de uma paróquia, deixe de ser religioso franciscano. [...] Não existe Primeira Ordem sem Terceira Ordem. [...] Lamentamos profundamente os casos em que, colocando-nos a serviço das paróquias nas dioceses, não conseguimos permissão, ou pelo menos não recebemos apoio para a criação de nossa Ordem Franciscana Secular. De maneira implícita significa que a Diocese, ao pedir nosso serviço, pede que abduquemos nosso carisma. (MELLO, 1973, p. 84).

Apesar de incentivar os jovens a buscar mudanças e desenvolver uma opinião crítica, Frei Eurico não menciona nos materiais uma posição política de

oposição ao regime ditatorial, presente neste período, pois tinha consciência da repressão que a JUFRA poderia sofrer. Não mexia com isso. Não entrava no aspecto, digamos, de polemizar... A situação do momento, o que estava acontecendo... Não. “Eu quero formar jovens para serem franciscanos”. Então, não tinham pé para acusá-lo sobre nada (Frei Moacir Busarello).

Muitos movimentos, líderes, padres e religiosos sofreram perseguição, tortura e exílio. Notícias de perseguições, torturas e mortes de sacerdotes, religiosos e leigos que denunciavam as práticas de repressão da ditadura civil-militar (1964-1985) podem ter levado Frei Eurico e os demais freis que o auxiliavam a não fazer debates políticos nos encontros da JUFRA.

Eneas Paulo Bogucheski<sup>10</sup> relata que o Frei Eurico “[...] era um gênio. Fazia leitura da realidade e trazia as respostas que o jovem precisava. Então, ele criava palestras, a dinâmica própria de todas aquelas lideranças.”

Embora Frei Eurico de Mello tenha idealizado a Juventude Franciscana e toda sua formação humana e cristã, não podemos deixar de destacar também o protagonismo dos jufristas e demais freis que colaboraram neste processo, aderindo ao projeto de implantação do movimento.

### **Considerações finais**

A partir da concepção de que os leigos deveriam estar inseridos na sociedade, Frei Eurico pretendia renovar a OFS e também a sociedade com um grupo de jovens treinados e preparados para atuar nas mudanças necessárias. Para isso, utilizou metodologias sociológicas. A partir destas metodologias, seria possível manter a coesão do grupo num ambiente de sinceridade, cooperação e diálogo, capaz de influenciar a sociedade e buscar mudanças.

Com aspectos da psicologia, Frei Eurico pretendia incentivar a libertação dos jovens para que estes promovessem as mudanças necessárias, inseridos na vida cotidiana. Esta libertação pode ser compreendida no sentido de desinibir, ajudar a buscar metas de vida, auxiliar no processo de desenvolvimento de um pensamento

---

<sup>10</sup> Eneas Paulo Bogucheski nasceu em Irati-PR. Foi seminarista capuchinho no Convento Bom Jesus de Ponta Grossa-PR de 1972 a 1977. Neste período foi aluno do frei Eurico e trabalhou na formação da JUFRA.

crítico. “[...] uma comunidade fraterna, que comece pelos laços sociais mais imediatos e se abra sobre uma universalidade sem limites” (SANCHIS, 1992, p. 28).

## Referências

- ALVES, Laci Maria Araújo. Igreja Católica: imaginário, ditadura e movimentos sociais. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v.26, n.2, jul/dez 2013.
- BOGUCHESKI, Eneas Paulo. *Entrevista*. Entrevista concedida a Danila Barbosa de Castilho. Curitiba, 2016.
- BUSARELLO, Moacir. *Entrevista*. Entrevista concedida a Danila Barbosa de Castilho. Curitiba, 2017.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- FRIGO, Luiz Antônio. *Entrevista*. Entrevista concedida a Danila Barbosa de Castilho. Ponta Grossa, 2017.
- FROTSCHER, Méri. Migração, língua e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 97-122, jan.-jun. 2011.
- JUFRA. *Documentos Básicos da Juventude Franciscana*. Ponta Grossa: Centro Nacional da JUFRA, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Documentos Básicos da Juventude Franciscana*. Ponta Grossa: Centro Nacional da JUFRA, 1973.
- MELLO, Frei Eurico de. *A vida consagrada na SEARA*. Curitiba: Centro de Teologia e Filosofia, 1984.
- \_\_\_\_\_. Carta escrita por Frei Eurico de Mello à SEARA em 20/01/1973.
- \_\_\_\_\_. *Os jovens procuram Cristo*. Ponta Grossa: Centro Nacional da JUFRA, 1973.
- MÜLLER, Antônio Rubbo. *Teoria da Organização Humana: sua propedêutica e didática especial*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1958.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.
- PASSOS, João Décio. O Leigo no Vaticano II: sujeito cristão na sociedade e na Igreja. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 291, Julho 2013, p. 559- 574.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro: UFF, v.1, n.2, 1996, p.59-72.
- PAULA, Maria de Lourdes de. *Entrevista*. Entrevista concedida a Danila Barbosa de Castilho. Ponta Grossa, 2016.
- \_\_\_\_\_. Aos jufristas do Brasil. In: JUFRA. *Documentos Básicos da Juventude Franciscana*. Ponta Grossa: Centro Nacional da Juventude Franciscana, 1972.



**3º Simpósio Sul da Associação Brasileira de História das Religiões**  
**Educação, Religião e Respeito às Diversidades**  
CCE/UFSC, 20 a 22 de novembro de 2017  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

PRANGENBERG, Frei Egberto. *Francisco entre os seculares: tópicos histórico-sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SANCHIS, Pierre. *Catolicismo: modernidade e tradição*. São Paulo: Loyola, 1992.

SOUZA, Luiz A. G. de. As várias faces da Igreja Católica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.